

PROJETO DE VIDA E A SENSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO

Mariana Sampaio Attuch¹
Luciano Senna Peres Barbosa²
Gabriela Machado Ribeiro³

Introdução

Por meio da minha experiência como participante do Programa de Residência Pedagógica, tive o primeiro contato com a disciplina Projeto de Vida, que era completamente nova ao meu conhecimento, porém, durante o meu período de regência com esse conteúdo, se tornou uma das minhas maiores responsabilidades e desafios. Projeto de Vida é um dos itinerários formativos que compõem a parte “flexível” da configuração do Novo Ensino Médio no estado de Minas Gerais. Vale destacar que ainda que componha a parte flexível do currículo os (as) estudantes da escola em questão, não tem a opção de não participar deste itinerário. Visto isso, com esse relato procuro explorar os significados dessa disciplina na realidade dos estudantes de ensino médio, tal como refletir acerca do conhecimento a respeito da individualidade deles, incluindo problemas pessoais, que muitas vezes são colocados em discussão a partir das orientações e provocações do conteúdo.

Para realizar essa análise, utilizo os pensadores Pierre Bordieu, Jean-Claude Passeron e Paulo Freire, conectando-os a partir de suas teorias educacionais que fornecem meios para pensar a educação de maneira mais sensível e, assim como a disciplina de Projeto de Vida, relacionada com as vivências dos estudantes que integram a dinâmica educacional. Visto isso, o trabalho desenvolvido promove questionamentos e reflexões a partir do papel que essa disciplina pode assumir em um projeto de educação emancipatória, que seja abrangente e acolhedora para com a diversidade de vivências dos alunos que fazem parte.

Metodologia

Para a realização da pesquisa, foram utilizadas anotações pessoais desenvolvidas durante a experiência da regência na escola, especificamente nos horários de Projeto de Vida, que continham minhas observações acerca de cada aula e também possíveis questionamentos que se encaminharam para se tornar reflexões sobre a profissional que pretendo me tornar,

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, marianaattuch@ufu.br.

² Professor orientador: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, lsenna@ufu.br.

³ Professora orientadora: Universidade Federal de Uberlândia - UFU, gabimacrib@ufu.br.

pensando em uma formação docente sensível aos estudantes e ao ambiente escolar como um todo. Assim, meus registros pessoais e memórias construídas como residente pedagógica foram utilizados como ferramenta de pesquisa para desenvolver o resumo expandido, de forma a conectar a minha experiência com a minha visão sobre a teoria educacional que idealizo. Além disso, um resgate bibliográfico englobando teorias pedagógicas e maneiras de pensar a educação foram incrementadas para enriquecer a discussão acerca da temática colocada em destaque.

Resultados e Discussão

A partir do Programa de Residência Pedagógica, fui concebida a oportunidade de estabelecer um contato mais íntimo com a formação docente, de maneira que ao observar aulas de ensino médio e, depois de um tempo passar a co-ministrar aulas semanais, pude estabelecer uma maior e mais profunda compreensão acerca dos pontos positivos e negativos da profissão docente e, simultaneamente, ao integrar o ambiente escolar, obter uma consciência mais digna da realidade nas escolas, com os alunos, direção, professores, funcionários e até a própria rede política que influencia a escola. Nesse contexto, durante a experiência na regência, me deparei com a situação dos estudantes em termos de saúde mental e expectativas pessoais, principalmente na disciplina Projeto de Vida, na qual vivenciei o meu primeiro contato durante o programa.

A disciplina Projeto de Vida, que foi uma das disciplinas que observei e co-ministrei me marcou em diversos pontos. Para explicitá-los, é preciso partir do ponto de que foi a única disciplina na qual eu era a única residente presente no horário, visto que nas aulas de Sociologia, a regência é compartilhada com outra residente. Esse fator, além de aumentar as responsabilidades e a carga de estudo, de certa maneira proporciona também uma profundidade maior na experiência, um contato mais vasto com as exigências do conteúdo e com a resposta dos alunos diante dessas exigências. Assim, ao explorar essa situação que me foi apresentada, percebi que a disciplina tem o potencial de ser uma proposta de reflexões profundas, interessantes e necessárias, portanto, com a obrigatoriedade de seguir o que é colocado no material didático, muitas dessas discussões ficam rasas e superficiais.

Ademais, no conteúdo de Projeto de Vida, são colocadas diversas atividades e propostas de reflexões que fazem com que os alunos compartilhem experiências e pontos de vistas pessoais, que é onde o docente entra em contato com demandas, aspirações e impressões individuais de cada aluno. Esse contato mais íntimo, de certa forma, representa impactos que devem ser pensados com atenção pelo corpo docente e pelos profissionais da

educação, dado que ao instigar esse tipo de autoconhecimento, se conhece também a realidade de cada pessoa que integra a dinâmica educativa, e a partir disso, qual é o papel do professor? Em uma atividade, foi dito por um estudante que o que ele menos gostava na disciplina eram as perguntas “invasivas”, devido ao caráter pessoal das questões que incitam os alunos a compartilharem experiências pessoais e desenvolverem opiniões críticas a respeito de temáticas como autoestima, integração social, identificação, influências, expectativas pessoais, entre outras. Como estabelecer, a partir de atividades relacionadas com o conteúdo, um direcionamento para incentivar o autoconhecimento dos alunos de maneira emancipatória e libertadora, não invasiva? Para além, em uma atividade com a proposta de produção de desenhos, muitas das manifestações artísticas presentes relataram problemas emocionais e psicológicos vinculados à experiência escolar, como episódios de ansiedade, transtornos alimentares, depressão, entre outros. Muitos desenhos passavam a mensagens que denunciavam sofrimentos causados por diferentes áreas da escola, desde a convivência como o sentimento obtido através do ambiente como um todo. Como agir a partir disso?

Estes são alguns dos questionamentos que perpetuaram a minha experiência como residente e que me motivaram a pensar a responsabilidade do profissional da educação, especialmente a partir da formação em Ciências Sociais, que proporciona o contato direto com o questionamento acerca das relações sociais que cercam e produzem o indivíduo. Dado que assumo a defesa de uma educação composta por uma sensibilidade para com os estudantes, a experiência de enfrentar essas questões com proximidade me afetou pessoalmente, de forma que entrar em contato com as questões vivenciadas pelos estudantes, muitas vezes me trouxeram um sentimento de identificação, ou me lembraram situações passadas que enfrentei na escola, o que me incentiva a contribuir com a tentativa de tornar o ambiente escolar um local de aceitação, incentivo das habilidades e diferenças de cada um e uma oportunidade de construir um aprendizado diverso e positivo.

Esse cenário remete aos escritos dos sociólogos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron que problematizaram a educação escolar como espaço de reprodução social centrado no processo de reprodução da cultura dominante. Ao privilegiar determinados conhecimentos, valores, hábitos e costumes em detrimento de outros, o currículo escolar acaba funcionando como um mecanismo de exclusão, ignorando o contexto social de cada discente. Ao ser baseado na cultura dominante ele se expressa na linguagem e é transmitido através do código cultural dominante. Como mitigar e/ou superar essa configuração escolar? A disciplina de Projeto de Vida, ao oferecer questionamentos e propor atividades nas quais as respostas não são certas ou erradas, porque variam de acordo com a experiência de cada aluno, se aproxima

da oportunidade de utilizar a flexibilidade dessas reflexões para aplicar uma política de integração no meio escolar.

Nesse contexto, o educador e filósofo pernambucano Paulo Freire também desenvolve teorias pedagógicas que procuram o diálogo com o estudante e a relação escolar como troca, de modo que o contato direto com a realidade de cada um se torna um molde estruturante da prática educativa. Assim, a Pedagogia do Diálogo representa uma pedagogia sensível ao público que se direciona, ou seja, que fala a linguagem do estudante e parte de suas vivências para se realizar. Visto isso, essa prática pedagógica se conecta com o potencial embutido na proposta da disciplina Projeto de Vida, dado que as temáticas que ela perpassa são cabíveis de serem adaptadas para a linguagem e para atender as demandas dos estudantes que ajudam a construir as discussões incitadas pelo conteúdo da disciplina. Sendo assim, por que isso não acontece da maneira ideal, ou seja, porque esse potencial não é aproveitado em toda sua extensão? É notório que a lógica produtivista do sistema educacional, tal como as exigências dos vestibulares e avaliações representam uma limitação no alcance e na profundidade que os debates podem abranger, o que leva ao entendimento de que o problema apresentado a respeito de uma certa superficialidade da disciplina, não é apenas uma falha dela e da forma que é aplicada em si, dado que seria necessária uma transformação no sistema e na base educacional como um todo para que o potencial desses conteúdos pudessem ser desenvolvidos em toda sua complexidade.

Considerações Finais

Em conclusão, a disciplina de Projeto de Vida, apesar de já apresentar interessantes oportunidades de debates sobre tópicos que demandam pensamento crítico, autoconhecimento e observação da vida social e as influências que produz nos estudantes, não exerce na prática toda a extensão do seu potencial, dado que representa uma oportunidade de utilizar as discussões e percepções sobre os estudantes para idealizar moldes educacionais que dialogam mais diretamente com a realidade de cada um. Além disso, é possível concluir que a natureza de muitas das falhas apontadas estão na cerne da estrutura educacional, que é fundamentada para preparar integrantes do mercado e das relações monetárias acima da construção de indivíduos que tenham valores éticos, confiança e autoaceitação, respeito à diversidade que perpetua a sociedade em que vivem, entre outras características importantes para a constituição de cada estudante.

Para além, é possível estabelecer uma relação causal entre os problemas emocionais enfrentados pelos estudantes e a educação voltada para os interesses do mercado, dado que o

adoecimento da sociedade como um todo pode ser diretamente conectado com as demandas produtivistas desse sistema e, como a educação representa, no sistema capitalista, uma espécie de preparação para o mercado de trabalho, a atmosfera ansiosa e acelerada já os afeta, o que contribui para a degradação da saúde mental dos alunos. Dessa forma, a partir das provocações expostas, procuro não somente expor inquietações pessoais adquiridas com o programa, mas também estabelecer um convite para que esses questionamentos sejam pensados e aprofundados coletivamente pelos integrantes das formações na área da Licenciatura.

Palavras-chave: Educação; Sensibilidade; Emancipação; Projeto de Vida.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). A pedagogia da libertação em Paulo Freire. São Paulo: EdUNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. Onde a crítica começa: ideologia, reprodução, resistência. *In*: DOCUMENTOS de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999. p. 29-36.